

## CAMINHO DO MEIO

texto LIANA JOHN fotos MAÍRA GULART

### Conhecimento compartilhado

*Três ONGs cruzam dados sobre fauna e flora com informações econômicas e pesquisas recentes para refinar as propostas de áreas prioritárias para conservação. A metodologia testada será aplicada em parcerias com os governos federal e estaduais*



**N**a sétima reunião dos países membros da Convenção de Diversidade Biológica (COP7), uma das recomendações aprovadas foi a definição de áreas insubstituíveis. Ou seja, os países deveriam definir suas prioridades para a conservação da biodiversidade conforme uma metodologia que levasse em conta a diversidade de espécies, a raridade ou o grau de ameaça de extinção a estas espécies, e fatores econômicos e sociais, tais como densidade da população humana na área, taxa de crescimento, existência de

rodovias, minerações ou outras atividades capazes de causar impactos sobre a biodiversidade. As áreas mais críticas, com ocorrência de espécies exclusivas ou raras seriam consideradas insubstituíveis e, portanto, de alta prioridade para a conservação.

O Brasil ainda não havia adotado essa metodologia e já se aproximava a realização da oitava Conferência das Partes da CDB (COP8) (encerrada no último dia 31 de março, em Curitiba). Então, três organizações não-governamentais – as ONGs Conservação Internacional, Fundação Biodi-

versitas e Instituto Biotrópicos de Pesquisa em Vida Selvagem – firmaram uma parceria e iniciaram um primeiro exercício, em agosto de 2005.

A área escolhida foi a Serra do Espinhaço, uma formação de mil quilômetros de extensão com largura entre 50 e 100 km, entre Minas Gerais e Bahia. Foram avaliadas todas as áreas acima de 800 metros de altitude. “Não poderia deixar de ser. O Espinhaço é uma região de destaque no Cerrado brasileiro, desde os primeiros estudos de áreas prioritárias para a conservação, organizados pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) a partir de 1999”, observa Gláucia Drummond, superintendente técnica da Biodiversitas. Tanto que em julho do ano passado, uma parte do Espinhaço foi reconhecida como Reserva da Biosfera pela Organização das Nações Unidas para Educação e Cultura (Unesco).

A Reserva da Biosfera do Espinhaço engloba apenas a parte mineira do ecossistema, por isso a idéia é refinar a definição de áreas prioritárias e integrar o sistema de proteção com as unidades de conservação do lado baiano. E a metodologia das áreas insubstituíveis foi o caminho escolhido pelas ONGs para chegar a propostas mais concretas, que possam ser incorporadas por prefeituras e outras instâncias do poder público, incluindo o Ministério do Meio Ambiente, que já vai treinar seus técnicos para usar a nova ferramenta.

“Além das áreas-núcleo que já estavam definidas na Reserva da Biosfera do Espinhaço como prioritárias, incorporamos algumas outras, com base na nova metodologia. São 15 áreas insubstituíveis no Espinhaço, incluindo as áreas-núcleo do Parque Nacional da Chapada Diamantina, e Parque Estadual do Morro do Cha-

péu, na Bahia, e os 204 mil hectares de áreas-núcleo da Reserva da Biosfera do Espinhaço, em Minas Gerais, mais a Serra da Calçada, a Serra da Moeda e áreas remanescentes de cangas no quadrilátero ferrífero, em Minas também”, continua Gláucia. Canga é uma vegetação aberta, de baixo

porte, típica das terras com alto teor de ferro, muito visadas pela mineração.

“Reduzimos a subjetividade na definição das áreas ao comparar as áreas de distribuição das espécies com as informações relativas aos custos de conservação”, acrescenta Cássio Soares Martins, coordenador do Centro de Dados do Projeto. Segundo ele, o cruzamento do imenso número de dados é feito com a ajuda de um programa de computador australiano, chamado Marxan, compatível com os Sistemas Geográficos de In-



formação. Tal programa foi desenvolvido para a definição de áreas prioritárias para a conservação dos oceanos, nos arredores da Austrália, e agora é também aplicada a ecossistemas terrestres.

“Basicamente dividimos o ecossistema a ser estudado em células de 5 mil hectares e é feita uma classificação conforme a ocorrência de espécies e as informações complementares a respeito de cada uma”, continua Martins. “Diversas células têm custo de conservação negativo, porque a ocupação humana é muito in-

tensa, como é caso das cangas”, diz Gláucia. “Justamente aí é que estão as áreas críticas”.

O estudo das três ONGs foi apresentado num workshop, em meados de março último, e já desperta o interesse dos técnicos de governos estaduais, que também deverão ser capacitados pelos pesquisadores conservacionistas. O governo de Minas Gerais já soma esforços para implementar as recomendações para o Espinhaço. E a Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo, junto com o Instituto Florestal, responsável pelos parques paulistas, é a próxima da fila.

A nova metodologia deve ser a principal ferramenta para refinar as propostas de conservação de todos os biomas nacionais, a começar pela Mata Atlântica, que tem seu workshop previsto para meados desse mês de abril.

**FIEMA Brasil 2006**  
Feira Internacional de Ecologia e Meio Ambiente

**03 a 06 . 05 . 2006**

Quarta a Sábado • 12 às 19 horas

Parque de Eventos • Bento Gonçalves - RS - Brasil

[www.fiema.com.br](http://www.fiema.com.br)



**A VIDA EM NOSSAS MÃOS**



Parque de Eventos

**FIEMA BRASIL 2006**  
**UM MUNDO DE NEGÓCIOS E OPORTUNIDADES**

A FIEMA Brasil 2006 será uma grande oportunidade de negócios para empresas apresentarem máquinas, matérias-primas, equipamentos e novas tecnologias, visando a preservação do meio ambiente, através de soluções para um desenvolvimento sustentável. Sua empresa não pode ficar de fora. Garanta já seu espaço!

Patrocinador

**FIERGS SENAI**

Apoio

**EMBRAPA**

**Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**

**SEBRAE**

**UCS**

**GOL**

Patrocinador Meio Ambiente

Reservas e informações: 54 3452 9776